

## *Boletim Online*: Escrita e Circulação

Cristina Barczinski, Elaine Armênio, Maria Carolina Accioly, Mario Pablo Fuks, Nayra Ganhito e Sílvia Nogueira de Carvalho. Equipe editorial do *Boletim Online* – Jornal digital de membros, alunos e ex-alunos do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae

Resumo: Construir uma publicação voltada à circulação interna dos efeitos cotidianos da experiência psicanalítica em nosso pensamento - foi dessa perspectiva que constituímos a equipe do *Boletim Online* e que formulamos nossa linha editorial. Transcorridos 7 anos de contínua produção, este artigo invoca figuras da composição coletiva da escrita de nosso jornal digital.

### **BOLETIM ONLINE: ESCRITA E CIRCULAÇÃO**

Ao abordar o sonho como rébus – tipo de passatempo composto por elementos heterogêneos tais como a letra, o desenho, o número, a notação musical – cujo desafio é a resolução de um enigma, Freud associa o inconsciente a uma escrita que figura o pulsional<sup>1</sup>.

Como um resto diurno de nossa prática psicanalítica, o registro de nossas observações clínicas é o primeiro modo pelo qual o trabalho da escrita se apresenta em nosso cotidiano. Aquilo que contudo não se encerra no interior das sessões e solicita transmissão costuma ser endereçado à comunidade psicanalítica através de múltiplas formas. Nessa tarefa de publicar, de tornar público através da escrita, fizeram e fazem história, no âmbito de nosso Departamento, duas significativas realizações editoriais de tempos longos: a semestral revista *Percurso*, em seus 25 anos; os livros de produção interna que foram inaugurados, em 1997, através da série dos debates do Curso de Psicanálise.

---

<sup>1</sup> S. Freud 1900.

Da perspectiva de construir um espaço para a circulação interna dos efeitos cotidianos da experiência psicanalítica em nosso pensamento, constituímos, em 2007, a equipe do *Boletim Online* – Jornal digital de membros, alunos e ex-alunos do Departamento de Psicanálise – e formulamos nossa linha editorial.

Espaço de palavra fluida, despretensiosa, gratuita – coisa de linguagem, resultante dos lampejos de nossa vida de desejo: na clínica, nos grupos e na cultura. Suporte de uma escrita implicada, que circula a fim de desarrumar nossas referências habituais e colocar em jogo subjetividades: do leitor, do escritor, do editor – entre os quais o texto significativo se faz. Criação cultural que chega digitalmente aos leitores, num dispositivo de memória e de afirmação de vida, em qualquer lugar onde houver tempo de leitura.

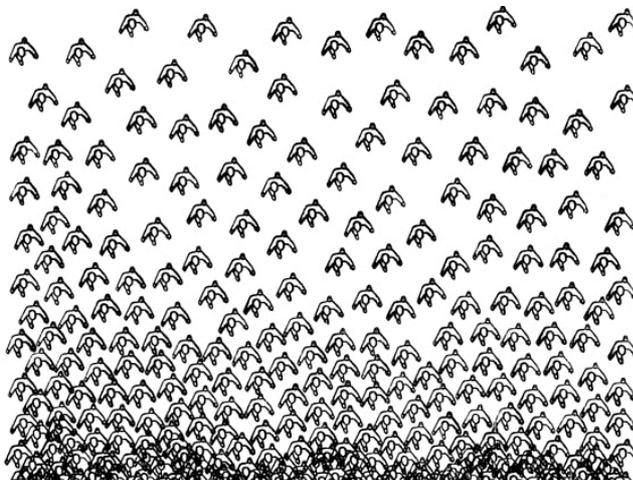
Na primeira página, o editorial – escrito *só-depois* de recolhido, lido, comentado, suavemente revisado e afinal montado cada elemento da trama da edição – os textos recebidos, as imagens suscitadas para as diversas seções do jornal, os títulos-*links* para as matérias, as chamadas redigidas num convite à leitura, o *link* para a agenda do *Boletim*.

Ao final, em nosso expediente, a identificação da equipe editorial; transcorridos 7 anos de trabalho, ela é atualmente composta por Cristina Barczinski, Elaine Armênio, Maria Carolina Accioly, Mario Fuks, Nayra Ganhito e Sílvia Nogueira de Carvalho e conta com a colaboração sistemática de Rubia Delorenzo. Além disso, sempre se enriquece diante das eventuais colaborações de Lia Pitliuk, Manuela Moreno e Natalia Gola, que já foram suas integrantes. Em qualquer de suas composições, os convites que lançamos aos colegas que passaram a tomar parte da equipe do *Boletim* foram feitos a partir de uma dupla transferência: laços construídos em trabalho, partilha de nossa transferência com a escrita.

Na elaboração deste texto, foi também um procedimento de construção conjunta peculiar que se pôs em ação – uma espécie de colagem de fragmentos de nosso trabalho associativo em torno de diferentes edições, títulos, artigos e imagens já publicados – através da qual pretendemos invocar figuras da composição coletiva da escrita do *Boletim* do

Departamento.

**A comunidade que o ato de palavra propõe ou *Hombres* (1984),  
por León Ferrari**



***Hombres* (1984), León Ferrari**

A primeira figura que destacamos é a *figura da comunidade* que a prática da palavra propõe – em nosso caso, a comunidade que vem às diversas atividades desenvolvidas pelo Departamento: seus cursos, eventos e grupos de trabalho. A existência deste novo espaço de circulação da escrita possibilitou seu endereçamento direto e igualitário aos membros, alunos e aos ex-alunos que assim o desejarem. Com uma pauta principalmente baseada nas notícias do Departamento – mas desde logo também aberta às notícias do Sedes e do campo psicanalítico e aos escritos implicados com a produção de sentidos frente aos acontecimentos da vida contemporânea -, iniciou-se o registro sistemático dos muitos lugares, estudos e trabalhos, internos e externos, onde os colegas estão presentes.

Como na imagem cedida pelo artista León Ferrari para figurar na capa do *Guia do Departamento de Psicanálise*<sup>2</sup>, há um duplo movimento – adensamento numa direção comum, revoada em rumos singulares – no ato de palavra que circula na comunidade, ao mesmo tempo que a recria e expande.

---

<sup>2</sup> *Guia do Departamento de Psicanálise 2008-2009*. Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae – M. Fuks, N. Gola e S. Nogueira de Carvalho (orgs.). São Paulo: Estúdio Imageria, 2009. 1ª edição, 88p.



*colóquio, pesquisa, encontro, lançamento, curso, percurso, contemporaneidade, projeto, transmissão, experiência...*

**A presença-ausente ou *Cinema-verdade para Pessoa* (2005), por  
Rebecca Horn**

A terceira figura é a da *presença ausente*. Ao longo de nossas edições, notícias do campo psicanalítico tocaram à morte de colegas queridos, referências da psicanálise para nossas práticas contemporâneas. Elaborados de modo espontâneo, ou a partir de nosso convite, escritos em homenagem a:



Pontalis  
Melsohn Bauleo  
Di Loreto Berenstein  
Besserman Vianna Ujloa  
Bleichmar Thalenberg  
Rodrigué Stein Laplanche  
Green

Silvia Bleichmar, que deixou um espinho na carne de muitos de nós<sup>5</sup>;

Emilio Rodrigué, cujo legado nos mobilizou a percorrer seus escritos, entrevistas e o testemunho de seus amigos<sup>6</sup>;

Armando Bauleo, agente ativo de uma psicanálise social comprometida com as grupalidades<sup>7</sup>;

---

<sup>5</sup> A. M. Sigal. “Uma carinhosa homenagem a quem deixou *um espinho na minha carne*” In *Boletim Online* 03, dezembro de 2007.

<sup>6</sup> Equipe editorial do *Boletim Online*. “Em homenagem a Emilio Rodrigué” In *Boletim Online* 04, fevereiro de 2008.

<sup>7</sup> S. L. Alonso. “Entre saudades e lembranças, homenagem a Armando Bauleo” In *Boletim Online* 05, abril de 2008.

Fernando Ulloa, que deixou de luto as numerosidades sociais geradoras de pensamento crítico<sup>8</sup>;

Isaías Melsohn, poeta da fala discursiva que transmitiu pela vida afora a escuta sensível à musicalidade humana<sup>9</sup>;

Oswaldo Di Loreto, clínico de inesquecíveis intervenções formadoras que atravessam movimentos da prática psicanalítica atual<sup>10</sup>;

Helena Besserman Vianna, presença ético-política na história das instituições psicanalíticas<sup>11</sup>;

Luciana Thalenberg, cuja marca deixada no Departamento de Psicanálise foi pungentemente testemunhada pelos colegas do projeto A/B<sup>12</sup>;

Conrad Stein, cujo encanto da palavra sobre o processo analítico marcou a memória dos colegas do Departamento<sup>13</sup>;

Isidoro Berenstein, que inspirou trabalhos sobre as configurações vinculares<sup>14</sup>;

Jean Laplanche, cuja presença na história de nosso Departamento segue ecoando a perspectiva de uma volta sobre Freud, fazendo trabalhar a psicanálise<sup>15</sup>;

---

<sup>8</sup> P. Lipcovich. “As numerosidades sociais de luto” (tradução de N. Gola) *In Boletim Online 05*, abril de 2008.

<sup>9</sup> B. Sister. “Isaías Melsohn – um poeta da fala discursiva” e M. Chnaiderman. “Isaías e a música do mundo, escutando a Quinta de Beethoven pela vida afora” *In Boletim Online 09*, junho de 2009.

<sup>10</sup> S. Rabello. “Colóquio internacional sobre o método clínico” *In Boletim Online 12*, abril de 2010.

<sup>11</sup> M. P. Fuks. “Homenagem a Helena Besserman Vianna” *In Boletim Online 12*, abril de 2010.

<sup>12</sup> Equipe do Projeto de investigação e intervenção na clínica das Anorexias e Bulimias. “Sobre as marcas que Luciana Geyer Kopelman Thalenberg nos deixou”. *In Boletim Online 12*, abril de 2010.

<sup>13</sup> R. Mezan. “Conrad Stein (1924-2010)” *In Boletim Online 14*, setembro de 2010.

<sup>14</sup> L. Weissmann. “Identidade, subjetividade e contexto” *In Boletim Online 18*, setembro de 2011.

<sup>15</sup> S. L. Alonso. “Jean Laplanche: 1924-2012” e A. M. Sigal. “Jean Laplanche livrou divã da burocracia” *In Boletim Online 21*, junho de 2012.

André Green, autor de uma obra na qual deixou transparecer parte de sua intimidade a fim de nos tocar em nossa própria intimidade<sup>16</sup>;

Jibé Pontalis, cuja morte renovou nossa admiração pelo límpido manejo das palavras e pelo declarado amor pela linguagem em sua trajetória através da psicanálise<sup>17</sup>.

### **Temporalidades ou *Bicicletas para sempre* (2011), por Ai Weiwei**

A figura 4 convida a pensar sobre as diferentes *temporalidades* que estão em jogo na produção de um jornal de psicanálise.

E-mails diários, reuniões mensais, lançamentos bimestrais: no fluxo temporal da experiência ordenada de modo sucessivo incide entretanto uma mescla de tempos: do que se soube recentemente por ouvir dizer, da lembrança de uma atividade que se frequentará, do renovado sentido de algo que se registrou há muito tempo atrás. O apreço por um artista, o registro de um desenvolvimento teórico, leituras de férias, um filme marcante se constituem em pretextos para refletir sobre a transitoriedade, o tempo bloqueado pela fixação, a memória ativamente transformadora, a posterioridade:

“É no encontro com os outros (...) e com suas memórias, que a sua forma de se relacionar vai sendo ressignificada”. (“Sobre a transitoriedade em Bergman”<sup>18</sup>)

“A história de um sujeito não é, portanto, uma linha reta, mas é traçada por pontos de condensação nos quais as tramas do vivido se entrecruzam e pulsam, forçando a presença do passado no atual”. (“O tempo que passa e o tempo que não passa”<sup>19</sup>)

---

<sup>16</sup> S. Nogueira de Carvalho. “O afeto é um movimento em busca de uma forma. André Green, 1927-2012” *In Boletim Online* 21, junho de 2012.

<sup>17</sup> D. Breyton. “Homenagem a J.-B. Pontalis” *In Boletim Online* 24, abril de 2013.

<sup>18</sup> M. M. Moreno. *In Boletim Online* 02, setembro de 2007.

<sup>19</sup> S. L. Alonso. *In Boletim Online* 04, fevereiro de 2008.

“Vemos tecer-se a rede que busca capturar o tempo e amortecer o desejo, revelando na rítmica circular dos ritos instituídos o propósito de deter o inexorável movimento da morte”. (“Mata-se o tempo. Detém-se a morte?”<sup>20</sup>)

“No tempo cronológico, um instante, no tempo do inconsciente, uma história”. (“Quanto tempo dura um encontro?”<sup>21</sup>)

“Hoje, depois de maio, de certa forma ainda jovens, prosseguimos, desta vez diante de um poder mais incorpóreo, porém mais implacável e eficaz. O inimigo nunca mais seria visível”. (“Temporalidade plural em *Depois de Maio* evoca anos revolucionários e convoca o presente”<sup>22</sup>)

### **O olho-palavra ou *A queda de Ícaro* (1558), por Peter Brueghel**

A figura 5 nos remete ao olhar da arte e nós a designamos o *olho-palavra*. Em nossa interlocução com as imagens da arte, nos interessa menos usá-las para ilustrar o que dizemos e mais fazer funcionar um olho-palavra: que diz junto, que intrinca pensamento e gesto. Nós o aprendemos a cada vez que um escrito dá forma ao tato, à delicadeza, ao que ficou subtraído numa pintura, ao que foi indicado numa cena de cinema, à valorização da incidência da arte na clínica:

“E assim, inaugurando, a *olhos nus*, uma nova lógica, um novo caminho de significação”. (“A propósito da Virada Russa”<sup>23</sup>)

“A obra-sonho é efeito do movimento do artista e das artimanhas do tempo: (...) a tinta da tela condensou os restos daquele e de outros dias, poeira do mundo e partículas soltas de obras anteriormente feitas”. (“O que vemos e o que nos olha na arte contemporânea: olhar o sonho e o trabalho do sonho”<sup>24</sup>)

---

<sup>20</sup> R. Delorenzo. *In Boletim Online* 13, junho de 2010.

<sup>21</sup> M. C. Accioly. *In Boletim Online* 16, abril de 2011.

<sup>22</sup> N. Ganhito. *In Boletim Online* 25, junho de 2013.

<sup>23</sup> S. Rabello. *In Boletim Online* 12, abril de 2010.

<sup>24</sup> S. Nogueira de Carvalho. *In Boletim Online* 07, dezembro de 2008.

“Uma troca sem palavras. Resgate do corpo, em seu mais fundamental erotismo: cicatrizar”. (“A força das palavras”<sup>25</sup>)

“O pensar que envolve a perda, a transitoriedade, o efêmero, o frágil é o de uma cultura que, incluindo a perda, faz possível a delicadeza”. (“Delicadeza”<sup>26</sup>)

“Segundo o autor, o campo das artes é um abismo de sentidos que mobiliza no espectador estranhamento e vertigem, experiência que também marcaria o trabalho reflexivo do analista”. (“Tramas de sentido: da arte na clínica”<sup>27</sup>)

“O despojamento do filme é sua beleza, não recorre a fotografia ou fundo musical sedutor. Não há um momento de descanso naquele apartamento, a câmera agita-se atrás dos personagens; desenha-se uma atmosfera opressiva, em que portas e janelas se abrem e se fecham para que alguém não ouça algo, para que alguém não fuja e se perca, para impedir que algo se dê a conhecer”. (“O Irã é aqui”<sup>28</sup>)

“Assim, Brueghel - ao colocar a queda de Ícaro num canto do quadro, passando quase despercebido -, talvez quisesse reafirmar tal posição, dizendo que não mais se interessava pelos grandes temas mitológicos gregos e sim pela imediata condição humana. (“A queda de Ícaro, de Brueghel”<sup>29</sup>)

“Chegar no que Nathalie Zaltzman nomeia como identificação com a espécie humana, uma identificação sobrevivente. Essa identificação nos une, eliminando hierarquias. O sobrevivente com uma história política é tão sobrevivente quanto o negro que viveu a discriminação ou a mãe que perdeu as filhas em um soterramento.” (“Sobreviventes / Sobre-viventes / Limites de todos nós”<sup>30</sup>).

---

<sup>25</sup> L. Quintão. *In Boletim Online 03*, dezembro de 2007.

<sup>26</sup> E. Armênio. *In Boletim Online 15*, dezembro de 2010.

<sup>27</sup> A. Natalício. *In Boletim Online 18*, setembro de 2011.

<sup>28</sup> C. Barczinski. *In Boletim Online 20*, abril de 2012.

<sup>29</sup> S. Telles. *In Boletim Online 11*, novembro de 2009.

<sup>30</sup> M. Chnaiderman. *In Boletim Online 13*, junho de 2010.

**O leitor como terceira pessoa, ou *O sonho* (1932), por Pablo Picasso e *Bronze revirado* (2010), por Pablo Lobato**

A figura 6 coloca em cena *o leitor como 3ª pessoa*, ao qual o espanto do autor do texto transmite uma relação alegre com o saber.

Nas crônicas do cotidiano, colegas narram situações inusitadas que disparam questões sobre si próprios, enquanto analistas e enquanto sujeitos. Identificar-se como psicanalista pode suscitar nos outros expectativas que conduzem a caminhos inesperados – seja enquanto passageiro num vôo<sup>31</sup>, depoente numa delegacia de polícia<sup>32</sup> ou esbarrando num ex-paciente. *Como 3ª pessoa, o leitor consente com os chistes desenhados nesses encontros desconcertantes.*

Assim, em *Spaghetti*, de Emilio Rodrigué:

“Mas o senhor o analisou. Era um caso de autismo. O senhor publicou o caso do meu filho Raulzinho. Sua memória está falhando, doutor. Como é possível que não se lembre dele? Autismo *versus* Alzheimer<sup>33</sup>”.

Nas leituras clínicas das atualidades, elaborações críticas de eventos micro e macropolíticos compuseram textos de fruição que nos desconfortam ao revirarem certas bases sociais. *Como 3ª pessoa, o leitor é um interlocutor face ao estranho*: da contemporânea contraposição do cuidado com o filho ao cuidado de si nos fatais esquecimentos de bebês dentro de automóveis<sup>34</sup>; das violências injustificáveis contra os direitos não relativizáveis das crianças<sup>35</sup>; da denegação dos fatos extraordinários da mobilização popular em torno do *impeachment* do presidente Collor, excluído da galeria de fotos

---

<sup>31</sup> A. L. Panachão. “Crônica de avião” *In Boletim Online 03*, dezembro de 2007.

<sup>32</sup> M. E. Labaki. “Anjos, Maracujina, Socorro, Chamem o ladrão!” *In Boletim Online 05*, abril de 2008.

<sup>33</sup> *In Boletim Online 04*, fevereiro de 2008.

<sup>34</sup> D. Calderoni. “A psicanálise e o tempo dos esquecimentos” *In Boletim Online 01*, junho de 2007.

<sup>35</sup> M. L. Ribeiro de Souza. “Violências injustificáveis” *In Boletim Online 21*, junho de 2012.

do túnel do tempo do Senado Federal<sup>36</sup>; das responsabilidades de todos nós na nova construção sócio-cultural da parentalidade<sup>37</sup>; da persistência das marcas político-subjetivas do autoritarismo<sup>38</sup>; do retorcimento de nossas mais sólidas convicções clínicas na aventura de seguir a voz de um outro que lhes altera o sentido e a significação<sup>39</sup>...

### O feixe divergente ou *O feixe* (1953), por Henri Matisse



A figura 7 destaca o *feixe divergente*. Recolhidos num feixe, ditos e escritos – numa mesma edição ou ao longo delas - amplificaram sua potência convocatória. Na repetição dos temas e na variação de suas metáforas, a "teimosia da coisa em estar aí"<sup>40</sup>:

<sup>36</sup> M. P. Fuks. "Acidente' no túnel do tempo" *In Boletim Online 17*, junho de 2011.

<sup>37</sup> D. Breyton; H. Albuquerque; V. Melo. "Responsabilidades no caso das trigêmeas" *In Boletim Online 17*, junho de 2011.

<sup>38</sup> Cf. L. Barbero Fuks. "Homenagem a Martha Brea, psicóloga, colega e amiga, sequestrada em 31 de março de 1977" *In Boletim Online 19*, novembro de 2011.

<sup>39</sup> M. Porto. "Sobre a coragem de abrir o mais caro conceito" *In Boletim Online 26*, setembro de 2013.

<sup>40</sup> R. Barthes 1973 / 2010, p.56.

Nos movimentos psicanalíticos dos quais o Departamento toma parte: o *Movimento Articulação das Entidades Psicanalíticas Brasileiras*<sup>41</sup>, o *Movimento Psicanálise, Autismo e Saúde Pública*<sup>42</sup>;

Nos movimentos que, em nome próprio, interessam a diversos de seus membros, como os *Estados Gerais da Psicanálise*<sup>43</sup>;

Nos temas de Direitos Humanos que concernem à nossa vida cidadã: O direito à memória e à verdade<sup>44</sup>, o direito ao fim absoluto da tortura em qualquer circunstância<sup>45</sup>, o direito à ocupação multitudinária do espaço público da rua<sup>46</sup>, o direito à pluralidade democrática;

Nos dossiês organizados pela equipe do *Boletim* em torno do debate sobre questões clínico-políticas atuais, como a medicalização da infância, da adolescência<sup>47</sup> e da vida cotidiana<sup>48</sup>;

Nos coletivos, serviços e dispositivos propostos no Sedes: O *Vamos falar de Saúde Mental?*<sup>49</sup>, a *Clínica do Testemunho*<sup>50</sup>, o *Observatório de Saúde Mental, Drogas e Direitos Humanos*<sup>51</sup>;

---

<sup>41</sup> Cf. A. M. Sigal. "Nosso Departamento e o movimento Articulação: porque não regulamentar a profissão" *In Boletim Online 08*, abril de 2009.

<sup>42</sup> Cf. D. Cardellini, E. Lacerda e V. Zimmermann. "Movimento Psicanálise, Autismo e Saúde Pública – MPASP" *In Boletim Online 24*, abril de 2013.

<sup>43</sup> G. Haddad. "Percurso 38 publica resposta às opiniões polêmicas de E. Roudinesco sobre os Estados Gerais da Psicanálise" *In Boletim Online 02*, setembro de 2007.

<sup>44</sup> Cf. M. B. Vannuchi. "Romper o silêncio: direito à memória e à verdade" *In Boletim Online 02*, setembro de 2007.

<sup>45</sup> Cf. M. A. Arantes. "Pelo fim absoluto da tortura em qualquer circunstância" *In Boletim Online 06*, outubro de 2008.

<sup>46</sup> Cf. E. Losicer. "Testemunho da mobilização" *In Boletim Online 26*, setembro de 2013.

<sup>47</sup> *In Boletim Online 04*, fevereiro de 2008.

<sup>48</sup> *In Boletim Online 27*, novembro de 2013.

<sup>49</sup> Cf. M. S. Bolguese. "Vamos falar de Saúde Mental?" *In Boletim Online 16*, abril de 2011.

<sup>50</sup> Cf. Equipe de terapeutas-pesquisadoras da Clínica do testemunho do Sedes. "Clínica do testemunho Instituto Sedes Sapientiae no Congresso Internacional 50 anos depois: a nova agenda da justiça de transição no Brasil" *In Boletim Online 28*, abril de 2014.

<sup>51</sup> Cf. Coletivo Vamos falar de Saúde Mental. "Observatório de Saúde Mental, Drogas e Direitos Humanos do Sedes" *In Boletim Online 25*, junho de 2013.

Nas notícias solicitadas a parceiros como a Clínica Psicológica do Sedes<sup>52</sup> e aos outros departamentos psicanalíticos – Formação em Psicanálise<sup>53</sup>, Psicanálise da Criança<sup>54</sup> e Psicossomática Psicanalítica<sup>55</sup> – em torno de seus próprios eventos;

Na densidade das reflexões sobre os futuros da sociedade brasileira depois de junho de 2013, decorrente da imponderável equidade entre manifestações tão diversas quanto um escrito enviado por e-mail aos colegas de trabalho mais próximos<sup>56</sup>, a gravação de uma participação num debate<sup>57</sup> e o registro, em ata, de uma reunião<sup>58</sup>...

### **O dissenso ou *Para ser continuado [quebra-cabeças latinoamericano]* (1997), por Regina Silveira**

A figura 8 dá lugar ao *dissenso*. Mais do que um conflito de pontos de vista, ou de um conflito pelo reconhecimento, entendemos o dissenso como um conflito sobre a forma como se constitui um mundo comum<sup>59</sup>.

Algumas edições revelaram, lado a lado, dois diferentes recortes do mundo sensível – por exemplo, do trabalho da arte: obra sublime da dor do artista, à qual a psicanálise se aplica a fim de interpretar o fantasma de sua criação? Apresentação encarnada das questões de nosso tempo à qual a

---

<sup>52</sup> Cf. M. A. Santa Cruz. “Maio de 2008 – 12, 30, 31, 40, 60 anos depois” *In Boletim Online 05*, abril de 2008.

<sup>53</sup> Cf. C. Perdomo. “Abertura do evento Trauma, memória e transmissão: a incidência da política na clínica psicanalítica” *In Boletim Online 11*, novembro de 2009.

<sup>54</sup> M. Porto Ferreira. “Colóquio Transferência na Psicanálise com crianças” *In Boletim Online 23*, novembro de 2012.

<sup>55</sup> Equipe dos professores do Curso de Psicossomática. “IV simpósio de psicossomática psicanalítica” *In Boletim Online 03*, dezembro de 2007.

<sup>56</sup> A. Souza Lima. “Das sociedades de massas às sociedades de matizes” *In Boletim Online 26*, setembro de 2013.

<sup>57</sup> T. Ab’Sáber. “Da arquibancada à passeata, espetáculo e utopia” *In Boletim Online 26*, setembro de 2013.

<sup>58</sup> A. L. Panachão. “Psicanálise e Contemporaneidade discute adversidades sociais” *In Boletim Online 26*, setembro de 2013.

<sup>59</sup> J. Rancière 1996, p. 374.



em justa homenagem aos bons encontros da vida.

Com abraços da Equipe Editorial.

2014

.....

Bibliografia citada:

Barthes, Roland. *O prazer do texto*. São Paulo: Perspectiva, 2010.

*Boletim Online* – Jornal digital de membros, alunos e ex-alunos do Departamento de Psicanálise. *Acervo*.

Freud, Sigmund. *A interpretação dos sonhos*, cap. 6: “O trabalho do sonho”. Rio de Janeiro: Imago, 2000.

Rancière, Jacques. “O dissenso” *In* NOVAES, Adauto (org.) *A crise da razão*. São Paulo: Companhia das Letras; Brasília: Ministério da Cultura; Rio de Janeiro: Fundação Nacional de Arte, 1996.